



Padre Luiz Monza
1898 - 1954

AS OBRAS E OS DIAS

Luiz Mezzadri

“... A vida dos Santos nos diz que a santidade não é impossível. Ela é de todos os tempos, de todos os lugares, de todos os estados e condições de vida...”

Pe. Luiz Monza

Perfil de Padre Luiz Monza
Fundador do Instituto Secular das
Pequenas Apostolas da Caridade.

PADRE LUIZ MONZA 1898 – 1954

AS OBRAS, OS DIAS.

Em toda época Deus acende algumas luzes na noite do ser humano. Estas luzes são os seus amigos. Neles nada há de extraordinário, sobretudo para seus contemporâneos. Depois, só depois, é que se descobre seu papel profético. Não por terem elaborado teorias: os destinos dos homens não estão ligados às palavras, mas porque foram instrumentos dóceis nas mãos de Deus.

Pe. Luiz Monza foi um desses amigos de Deus.

Seu dom foi ensinar que o homem não é um cristal trincado que não tem mais conserto. Mesmo que o homem esteja ferido, dividido, sempre sedento de um amor que não consegue alcançar, porque o procura em fontes poluídas, mesmo assim há sempre uma esperança. O amor não se extinguiu. O fogo do Pentecostes pode reacender a caridade da comunidade primitiva, gerar comunidades capazes de ser *“um só coração e uma só alma”* e reunir assim, os irmãos dispersados.

Não é fácil contar a vida de Pe. Luiz. É preciso entrar numa personalidade complexa e difícil; para tanto precisaria ter o olhar do próprio Pe. Luiz, seu coração, sua sensibilidade. Isso, porém só ele o poderia ter feito.

Faltando tudo isso, devemos proceder por hipóteses, consultar documentos e, mais ainda investigar os fatos. Contudo sempre será um retrato aproximado, ofuscado. Quem conheceu pe. Luiz poderá afirmar que ele não era assim. Para essas pessoas não precisa uma biografia. Esta será útil para

quem não o conheceu, como introdução aos seus escritos e a compreensão de sua Obra.

Certa vez ele confidenciou: “Enquanto eu viver a Obra será como um livro fechado. Depois de minha morte o livro abrir-se-a e a Obra vai se expandir até os últimos confins da terra”.O perfil que apresentamos é uma tentativa de abrir esse livro e ler nele as etapas do florir de uma Obra que iniciou com origens tão humildes e que agora está difundindo-se cada vez mais.

A SEMENTE NA TERRA

Para poder ser um sinal luminoso, Pe. Luiz Monza teve que trabalhar e procurar. Os pais, José e Luiza, eram agricultores de Cislago (Varese),Itália. Suas únicas riquezas eram o trabalho, a coragem e a fé. Quando nasceu (22 de Junho de 1898) a dor foi a primeira a dar-lhe as boas-vindas nesta vida que começava. Dois irmãozinhos, Pedro e Antônio José, tinham morrido antes dele nascer, respectivamente com 5 e 2 anos. Ele próprio era tão frágil que além de ser batizado logo, os pais acharam por bem crismá-lo com um ano e meio de idade. Na vila frequentou as três primeiras séries do primário, tendo que abandonar logo a escola sendo considerado um luxo continuar. Começou cedo trabalhar como sapateiro e, no tempo livre, ajudar o pai na roça.

Contemporaneamente começou a sentir o chamado de Deus. Os apelos da sociedade do prazer e bem-estar ainda não influenciavam as aspirações dos jovens. A vocação sacerdotal era vista como algo atraente. Na idade de 9-10 anos experimentou uma grande desilusão quando lhe propuseram a

via do sacerdócio que respondia aos seus anseios. O pequeno Luiz teve como um bloqueio interior. Respondeu que “não” e fugiu, abrindo-se em prantos, amargurado por ter recusado o convite do Senhor.

Era porém somente um adiamento. Na sua família, muito religiosa, o chamado de Deus a um filho ou uma filha era visto como revelador de uma benção especial. No começo de Janeiro de 1913 sua irmã Cristina entrava numa congregação de freiras. Tempo depois a proposta vocacional foi feita por um Salesiano. O trabalho tinha-o amadurecido. Podia tomar decisões ponderadas e livres. No outono de 1913, junto com mais dois colegas, viajou para a escola salesiana na cidade de Penango Monferrato para continuar os estudos.

No ano seguinte, enquanto a Europa queimava naquele “inútil massacre” que foi a primeira guerra mundial, a vida pessoal de Luiz entristeceu-se ainda mais. Seu pai tinha caído de uma árvore quebrando-se a coluna vertebral. Para não deixar o peso da família somente com sua mãe, Luiz decidiu voltar para a sua vila. Portanto ficou no instituto religioso somente pouquíssimo tempo, sempre lembrado com muita saudade. Por toda sua vida sempre foi um pouco salesiano, especialmente na educação dos jovens.

Os trabalhos em casa exigiam deste adolescente a firmeza de um adulto. Luiz não poupou-se no trabalho e também encontrou tempo para continuar nos estudos, nem que fosse de noite no quentinho do estábulo ajudado por Pe. Carlo Baj e Pe. Lorenço Cazzani, que trabalhavam na paróquia de Cislago.

No fim do verão de 1916 o pároco Pe. Luiz Vismara, admirado pela força de vontade do garoto, falou que procuraria

uma vaga gratuita no seminário. A resposta devia ser rápida. Depois dos 18 anos teria encontrado todas as portas fechadas. Encontrava-se num dramático dilema.

Sua irmã estava longe, o irmão Pedro (tinha o mesmo nome do primogênito) estava na guerra. O último irmão, Mário, era uma criança de sete anos. Com o coração angustiado procurou seus parentes. Esses se uniram acusando-o de insensibilidade e irresponsabilidade. Sua mãe, ao contrário, uma mulher simples e corajosa, disse-lhe : “Meu filho, não olha para nós: se o Senhor está chamando-te, vai com Ele”.

Reconfortado pela coragem de sua mãe, Luiz recebeu do pároco, em modo solene, na presença também do pai paralisado, a batina. Era o primeiro de outubro de 1916. Pouco depois entrava no instituto Villoresi de Monza para completar seus estudos.

O ano escolar tinha há pouco começado quando Luiz foi chamado de volta para casa com muita urgência. O estado de saúde do pai tinha piorado. “Imagine com quanta ansiedade (escreverá mais tarde para sua irmã) preocupação e dor estávamos ao redor da cama de nosso pai! Era todo um suspirar, chorar, rezar e um vai e vem de parentes e amigos. Depois de alguns instantes, sabendo que sua hora tinha chegado, levantou a mão direita trêmula para apertar a mão da mãe e murmurou: te saúdo, eu vou...”

A morte do pai (16/01/1917), juntamente com outros dois fatores, o serviço militar e a morte do irmão Pedro (4/12/1918) tiraram-no definitivamente de sua família e de seu passado. Pôde assim, depois de terminar o serviço militar, voltar a estudar na cidade de Saronno (1922-1924) e cursar teologia,

primeiro na cidade de Gorla Minore e depois no seminário de Milão.

Temos poucos testemunhos destes anos.

Sua preparação foi apressada e fragmentada sem poder aprofundar os estudos. A preparação teológica dessa época não estava ligada com a realidade, mas seguia esquemas e teses distanciadas da realidade. O antimodernismo tinha afugentado os argumentos de fronteira, assim a ação do cristão e do sacerdote era reduzida a um simples “fazer”.

Finalmente, depois do terceiro ano de teologia e algumas provas do quarto ano, com antecedência sobre seus colegas de estudos para recuperar o tempo perdido no serviço militar, foi ordenado sacerdote no dia 19 de setembro de 1925. Pe. Luiz, fruto da comunidade de Cislago, doou-se à igreja de Milão para ser testemunho de comunhão entre os fiéis.

O OURO E O FOGO

O primeiro compromisso pastoral foi uma revelação, primeiramente pelas qualidades pastorais do jovem padre. Designado para a paróquia de Vedano Olona (Varese) ao lado do Pe. Pedro de Maddalena, seu carisma com a juventude foi impressionante. Tinha escolhido algumas atividades formativas, como o esporte, o coral, o teatro, e através destas planejara as atividades do grupo jovens, marcando-as de profundo sentido espiritual. “*A atividade juvenil se faz com a oração*” era o lema do cardeal Schuster, arcebispo de Milão. E Pe. Luiz fez da oração a alma do seu apostolado. Ao seu redor reuniu-se uma grande quantidade de jovens entusiastas, mas também culturalmente preparados e espiritualmente fortalecidos.

O começo de suas atividades em Vedano coincidiu com a progressiva “fascistização” do estado, inaugurada pelo regime fascista exatamente em 1925. As oposições eram desmanteladas. O partido fascista era todo poderoso, começava a infiltrar-se em todos os âmbitos da vida, auxiliado pela hábil régia do ditador Mussolini que se fazia intermediário entre o extremismo de Farinacci e os elementos de ordem como Federzoni. A pessoa era subordinada ao estado, tanto que o lema era... “Tudo no estado, nada fora do estado, nada contra o estado”. Cultura, escola, arte, esporte, moda. Tudo vinha poluído. Aonde não se aceitava que o estado interviesse, aonde não havia concessões ou acordos, aí intervinha a violência. Em Vedano a integração com o fascismo foi recusada pelos jovens do grupo juvenil. Pequenos episódios, como um jogo de futebol entre o time de Pe. Luiz e o time do partido fascista, acabavam em rixas. Os jovens do grupo juvenil ganhavam o jogo no campo e eram espancados fora pelas “camisas negras” que provinham dos arredores. O pároco, a fim de evitar uma situação perigosa decidiu suspender as atividades do grupo juvenil, sem antes consultar o seu colaborador. Pe. Luiz viu nisto um ato de afrouxamento ou pior uma traição para com seus jovens. Publicamente deixou sair palavras amarguradas e chegou ao ponto de quebrar a haste da bandeira da sociedade esportiva. Logo voltou em si e escreveu uma nobre carta para o seu pároco : “Rev.mo senhor pároco, tenho compaixão de mim mesmo por ter sido tão mau e rebelde a qualquer disciplina. Meu sofrimento é ainda maior sabendo que outros estão sofrendo por minha causa. A soberba me foi má conselheira, deixando-me de má vontade com uma observação que eu pensava não merecer, não querendo culpar os jovens tomando sobre mim toda a responsabilidade. Assim, amando-os demasiadamente, odiei-os.

Me dei conta, infelizmente, que os meus gestos impressionaram negativamente os ouvintes, mesmo não tendo feito isso para ofender, mas somente impulsionado pela amargura acumulada nestes dias pelos acontecimentos. Desta maneira fechei o caminho para poder realizar um pouco de bem e acho minha permanência, aqui em Vedano, insustentável: a vila estaria mais tranqüila sem mim. Acho que não causarei ao senhor mais sofrimento, assim como não duvido que os superiores não terão grandes dificuldades para designar-me para um outro lugar onde não precise trabalhar com os jovens.”. Era o dia 31 de maio de 1927. A transferência não era difícil de obter já que a diocese tinha bastante padres. O pároco entendeu a reação do seu auxiliar e o tranqüilizou”.

Os acontecimentos, porém, desandaram. Ninguém tinha investigado sobre os responsáveis das expedições punitivas dos fascistas e sobre uma bomba estourada perto da casa paroquial. As autoridades, fracas com os violentos e corajosas com os fracos, intervieram quando alguém, na noite entre o 28 e o 29 de junho, disparou contra um fascista. Tudo tinha sido tão bem planejado que era difícil não pensar a uma provocação bem preparada. Quarenta pessoas foram presas. O pároco De Maddalena foi afastado da vila. Pe. Luiz tentou acalmar os ânimos, mas numa tarde enquanto estava na Igreja batizando uma criança, foi cercado por policiais que ficaram ao seu lado durante todo o rito. Depois de um interrogatório teve que sair de Vedano e ir para uma vila próxima (Gaggiano). Ali foi alcançado pela polícia à paisana, preso e levado ao cárcere de Varese com a acusação de tentativa de homicídio. Ficou preso por 4 meses, respondendo a extenuantes interrogatórios (um deles durou mais de 11 horas). A convicção da própria inocência

não era suficiente, também porque além das hostilidades exteriores teve que enfrentar uma das provas místicas mais difíceis e árduas: o aparente abandono por parte de Deus. O isolamento, a promiscuidade das celas que feria sua sensibilidade, o cansaço físico, a inatividade forçada tinham aberto a passagem para dúvidas e incertezas. A oração parecia-lhe inútil. Em 1926 Kafka tinha escrito sobre a situação de um jovem que bate inutilmente em um castelo esperando que alguém abra. Pe. Luiz experimentava a mesma angústia. A oração dos salmos ficou monótona. Sentia o abandono do Pai como Cristo na cruz, enquanto os homens, fora seus jovens que porém estavam longe, ficaram hostis. Foi uma prova que o dilacerou por dentro. As confidências destes momentos feitas a um amigo, são reveladoras porque nos permitem superar a reserva pessoal de Pe. Luiz e examinar o mistério-Monza a partir do seu interior e no seu desenvolvimento. Deus que lentamente o estava preparando para seus planos, precisava de uma adesão diferente. Se somente a obediência a Deus é criativa, fazia-se necessário que o homem perdesse seu orgulho, sua independência, sua vontade para ser conduzido por Ele. Dessa forma, antes que as grades da cadeia se abrissem, Pe. Luiz, livre por dentro, estava pronto para começar seu êxodo para Deus.

AS TRÊS TENDAS

Solto, sem que fosse encontrada uma única evidência contra ele, violando abertamente o código penal da época, foi-lhe ordenado de nunca mais voltar em Vedano. Os dias da onipotência parecem atravessar também os caminhos de Deus. As autoridades diocesanas decidiram transferir Pe. Luiz para a paróquia de Santa Maria do Rosário em Milão. Chegando no fim de 1927 foi encarregado de cuidar do grupo juvenil masculino. Ficou na paróquia somente por alguns meses. Como João Batista Montini, futuro papa Paulo VI, que tinha a mesma idade, não conseguia entender o comportamento daquela elite que “sabem sempre encontrar a razão profunda que culpa aqueles que apanham”. Ademais estava atormentado pelo pensamento de não ter mais nada para oferecer aos jovens. Pediu, portanto, transferência. Acolhido o pedido, foi enviado ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres em Saronno. Humanamente era um fracasso em sua carreira.

Porem o período de Saronno foi importantíssimo para sua maturação interior. Na sombra do Santuário viveu um momento de espera. Foi um pouco como o seu monte Tabor : a contemplação antes da nova e decisiva fase da ação.

Pe. Luiz pôde refletir sobre as experiências dos anos passados. Três em particular foram-lhe de inspiração: a guerra, a cadeia e o grupo juvenil.

As duas primeiras mostraram-lhe a cara de uma sociedade construída sem Deus e que violentava o homem. No contato com os jovens tinha percebido que as novas gerações estavam disponíveis para construir uma nova civilização e uma nova sociedade. Era só uma questão de “mestres”. Os mestres de seu tempo eram a violência, a exaltação da guerra, o totalitarismo, o machismo. Muito seria possível mudar se voltássemos aos

primeiros tempos da igreja. Mestres do homem teriam sido as comunidades dos fiéis, “um só coração e uma só alma”, com uma única palavra a *caridade*.

Ao contrário do que em Vedano, o carisma de Pe. Luiz foi se alastrando aos poucos. O Santuário não era paróquia, portanto não tinha grupo juvenil. Era somente um lugar de devoção. Mas quando a caridade queima por dentro, então não há nada que possa detê-la. Pe. Luiz começou a reunir jovens para cantar. Os ensaios do coral viraram ocasião de encontro e um momento educativo completo, os jovens realizavam as tarefas escolares, brincavam, oravam. Sua moradia era a sala de reunião, sua horta o campo de futebol. Assim quando o cardeal Schuster elevou o Santuário em “Delegação” (1931), Pe. Luiz simplesmente estendeu sua ação já bastante profunda.

Assim, começou a trabalhar no grupo juvenil. Diferentemente que nas duas precedentes experiências, desta vez Pe. Luiz enxergava longe. Além das atividades dos grupos juvenis havia o mundo. Um mundo sem Deus, no qual é tarefa dos cristãos preparar o caminho a Deus. É nos primeiros anos de Saronno que nasce o primeiro projeto de estender a experiência do grupo juvenil e transformando-a em algo bem maior do que um simples momento de formação. Demonstra isso uma confiança colhida por alguns íntimos. Mais ou menos em 1932 Pe. Luiz teve a percepção de estar na frente “de uma multidão de pessoas que afadigavam-se num trabalho. Ele também se esforçava para diretamente participar, mas sentia-se bloqueado por uma força misteriosa, que o fazia sentir-se profundamente frustrado”. Pareceu-lhe de ser chamado para “animar, assistir e conduzir uma Obra” ainda não bem definida, da qual não teria participação direta. Era uma idéia que o roia por dentro, que

sabia ter que realizar, mas que não conseguia entender. A Obra de Deus não se devia qualificar tanto pelos programas e objetivos concretos. Repetia “*Os santos bastam a Deus*”. A Obra deveria reviver o único e absoluto valor da caridade, uma celebração das núpcias de Deus com a humanidade. Consistiria em propor para alguns de viver a caridade, aquela caridade que acolhe o homem na sua solidão e oferecer-lhe uma família. Foi assim como fulgurado pela idéia que a Obra, quaisquer objetivos tivesse, deveria testemunhar o amor que se torna família. Tinha nascido “A Nossa Família”.

Esta “Família” deveria permitir aos seus participantes de se inserir nos vários âmbitos da sociedade para levar o testemunho da caridade.

Em 1933, segundo o biógrafo Pietro Bedont, Pe. Luiz fez a proposta para algumas jovens que no passado não puderam seguir a vocação religiosa. Nos anos trinta as vocações femininas eram bastante numerosas. Entrar em uma ordem ou em uma congregação queria dizer se salvar do mundo. A um mundo longe de Deus respondia-se ficando longe do mundo. Ora muitas mulheres não conseguiam realizar seus desejos arriscando assim de viver uma vida chata. Pe. Luiz propôs sua idéia. Seus cálculos eram porém ainda muito humanos já que procurava pessoas mais apta. De fato, as pessoas procuradas ou se afastavam ou não continuavam.

Foi em 1934 que Pe. Luiz teve um encontro providencial. Estava confessando quando se aproximou uma jovem. Ela trazia consigo as inquietações de uma pessoa que estava sempre em busca de algo que não encontrava. Clara Cucchi, este era seu nome, queria entrar numa comunidade religiosa porém era muito frágil e indecisa. Conhecer este padre foi para ela uma

revelação, enquanto que para Pe. Luiz foi a percepção que a hora de Deus tinha chegado. No verão do ano seguinte escreveu para ela: “esteja pronta para obedecer ao chamado de Deus!”.

A PEQUENA SEMENTE E A GRANDE ÁRVORE

Para realizar a Obra de Deus, Pe. Luiz pensava que necessitaria de muito tempo. Uma demorada permanência em Saronno teria sido o desejável. Ao contrário, mais uma vez teve que mudar seus projetos. O cardeal Schuster em 1936 confiava-lhe a paróquia de São João em Castanha na cidade de Lecco.

Nesta paróquia conservava-se ainda uma das antigas formas de participação popular na escolha do vigário, que expressava uma profunda realidade de comunhão. Os paroquianos, quando da morte do pároco, tinham o direito de apresentar ao arcebispo uma lista com três nomes entre os quais o arcebispo escolheria um. Na realidade tal método mais do que unir as pessoas fomentava discórdias e discussões. O cardeal arcebispo, durante uma visita a esta comunidade, tinha pedido aos paroquianos de renunciar espontaneamente a esse direito. Em troca prometia enviar “um padre segundo o coração de Deus”. E foi justamente Pe. Luiz o padre escolhido para construir a ponte da caridade.

Pe. Luiz encontrava-se no auge da maturidade. Tinha 38 anos. Como bagagem trazia uma notável experiência dos grupos juvenis e um longo período de assimilação espiritual. Para uma paróquia de 2.500 almas as linhas pastorais nos anos trinta estavam bem testadas: catequese, pregação, devoção eucarística, ação católica, atividades de caridade e recreativas. A eliminação das atividades políticas, fora às aprovadas pelo regime,

transformou a Igreja no único lugar livre para se encontrar. A frequência na Igreja, por outro lado, era considerável. Não era necessária uma particular atividade para atrair os fiéis. O importante era que o pároco tivesse grande disponibilidade em acolher as pessoas e que a Igreja fosse um lugar reservado e de oração.

Sobre as atividades desenvolvidas em Lecco, sendo um período recente na nossa história, temos bastantes testemunhos claros e autênticos. Em primeiro lugar todas as testemunhas concordam em revelar o profundo sentido religioso deste pároco. Um homem de negócios comentou: “Conheci muitos padres, mas somente um que tenha o ânimo verdadeiramente sacerdotal e uma simplicidade que conquista”. Estava sempre muito recolhido, pensativo. Não era um tipo instintivo. Tinha um forte autocontrole, sinal de uma profunda mortificação interior. Em São João a vida paroquial tinha como centro a Eucaristia. À noite, bem tarde, acendia-se a luz da Igreja. Era Pe. Luiz que, aos pés do seu Senhor, rezava para a sua gente. Durante o dia era fácil encontrá-lo à direita do altar, com a cabeça nas mãos, concentrado em um profundo diálogo. Comunhão e adoração eram temas recorrentes de suas homilias porque estava convencido que o homem renovava-se a partir do interior. O amor nasce entre os irmãos somente quando o lado humano dissolve-se em contato com a Eucaristia. Tal era a importância da Eucaristia que exigia para a liturgia paramentos dignos e um sacrário precioso. Na igreja era muito exigente. Queria participação e recolhimento. Quando celebrava, a liturgia anterior ao concílio tinha muitos momentos de silêncio, podia-se sentir um silêncio cheio de plenitude.

A homilia era muito simples. Os esquemas conservados até hoje são lineares, organizados sobre algumas palavras chave. Uma homilia sobre o “ideal” dividia-se em quatro partes: *vê-Lo*, *conhecê-Lo*, *amá-Lo*, *vivê-Lo*. Tudo convergia para a vida, o fazer, o Paraíso e a Eucaristia: “Nós sabíamos desde o começo das homilias que, a uma certa hora, nos pontos ordenados, passaria para a exortação desabafando a sua alma atormentada pela Glória de Deus, pelo desejo de fazer o bem para as almas, para levar todos para a casa do Pai, o lindo Paraíso”.

Enquanto os pregadores na onda, gostavam de fazer citações literárias (Dante e Manzoni para começar, os mais abertos citavam Papini ou os romancistas franceses dos anos trinta), Pe. Luiz citava os evangelhos, São Paulo, São João e os Atos dos Apóstolos. Provavelmente o gênero da pregação no qual melhor se dava era o chamado “exortação piedosa”. que ele fazia sempre antes de distribuir a comunhão especialmente na ocasião das primeiras Eucaristias, batizados, ou funerais; ele conseguia se expressar melhor não tanto pelo conteúdo, mas pela paixão que o envolvia. Muitas vezes animava-se. Então os olhos começavam a brilhar, a voz ficava cheia. Até gritava. Uma testemunha escreveu : “Pode ser que outros viram Pe. Luiz chorar falando sobre o amor de Deus...eu não consigo tirar da minha mente aquele momento precioso e extraordinário. Falando sobre a vida espiritual desatou em lágrimas ao falar do Amor de Deus!”. Como resposta eram necessários gestos concretos: “Quanto egoísmo existe no mundo! (assim confiava-se em um dos raros momentos de abandono com uma pessoa amiga). Quem dera fôssemos ainda como os antigos cristãos! É necessário encontrar almas capazes de viver o amor como nos primeiros tempos do cristianismo”.

UMA IGREJA DENTRO DO MUNDO

Pe. Luiz tinha percebido, há tempo, que sua missão, na Igreja não podia limitar-se somente à experiência paroquial. A caridade não conhece limites. Com certeza o centro de tudo poderia ser a paróquia, desde que existisse nela um grupo de pessoas que vivessem com maior intensidade esta caridade. O primeiro testemunho deveria ser dos padres. Queria, portanto, que a casa paroquial fosse uma prova que o amor entre os irmãos não era um sonho. E porquanto vivendo numa situação difícil com alguns deles (não era entendido ou interpretavam erroneamente suas ações), por seu lado, com um esforço às vezes difícil de imaginar, tentou compreender, se aproximar e perdoar: a caridade não é espontaneidade, mas dom e sofrimento.

Não somente os padres, mas todos os cristãos deviam ser chamados a viver a caridade como os primeiros cristãos. Uma testemunha escutou uma frase de Pe. Luiz muito reveladora. Em ocasião de uma festa em honra de São João pediu compreensão. “Sabia – assim falou a testemunha – de ter tirado, e ter que tirar mais, um pouco do tempo e de suas forças que devia ser dedicado aos paroquianos para cuidar de uma Obra que estava nascendo aos poucos... Ele não podia resistir a um chamado do Senhor e portanto, era melhor que o deixassem fazer, aliás que o auxiliassem nesta empresa: assim sua paróquia seria o centro motor de uma bem maior ação de caridade”.

As palavras saíam com dificuldade. No final Pe. Luiz exclamou: *“Eu vos digo que a paróquia de São João se encontra esta noite no centro do mundo, no coração do mundo;*

porque aqui entre nós está nascendo para o mundo uma Obra de amor, de caridade cristã”.

Quando pronunciava estas palavras Pe. Luiz já tinha encontrado o caminho de Deus. Anteriormente seguindo talvez as aspirações de Clara Cucchi, tinha pensado em um centro de espiritualidade, uma espécie de cenáculo espiritual, um oásis para regenerar os grupos cristãos. Porém, como é no estilo de Deus, Pe. Luiz encontrou por acaso as pegadas de Deus no seu caminho.

Aconteceu numa viagem de trem. Pe. Luiz tinha decidido de ir a Biandronno para vistoriar uma casa onde pudesse implantar uma obra para as vocações femininas. No trem encontrou Pe. Ambrogio Trezzi, pároco de Vedano Olona no lugar de Pe. De Maddalena. Quando este soube das intenções do pároco de São João indicou-lhe um lugar bem melhor : o “Lazzareto” de Vedano. O lugar era maravilhoso e Pe. Luiz bem o conhecia. Porém ainda existia a proibição de voltar para sua antiga paróquia. Pe. Trezzi ofereceu-se para ajustar tudo. Foi alugado um carro com cortinas nas janelas e como conspiradores os dois padres foram para Vedano. Pe. Luiz decidiu que se podia tentar. Foram enviados os processos para revogar a antiga proibição e depois começaram as consultas para comprar o terreno. O pároco de São João entregou a soma de 70.000 libras para Pe. Trezzi, mas depois de alguns dias teve que pedir o dinheiro de volta: a pessoa que lhe tinha emprestado o dinheiro não confiava mais. Era necessário encontrar outros. Alguns acolheram mal os dois padres. Enfim, depois de muito esforço, foi arrecadada a quantia suficiente e no dia 29 de agosto de 1937 foi colocada a primeira pedra da casa de Vedano.

Porém, já que a nova fundação deveria “voltar a sociedade para a caridade dos primeiros cristãos” a Obra de Deus podia começar mesmo sem ter uma casa construída. Foi alugada uma casa a Teglio em Valtellina e decidiu-se por começar logo. Na hora da separação dentre as várias pessoas que tinham manifestado sua disponibilidade para fazer parte da Obra, somente três se apresentaram: Clara Cucchi, Teresa Pitteri e Tranquilla Airoidi.

O primeiro projeto para a Obra consistia em hospedar Retiros espirituais. Naquela época, na região da Lombardia, os Retiros espirituais eram muito comuns. As várias associações quando organizavam um curso de retiro tinham dificuldades de encontrar o lugar tanto era o afluxo de pessoas de todas as categorias. Pe. Luiz pensou em ocupar as três mulheres na condução dos Retiros espirituais.

Quando a casa em Vedano ficou pronta – depois de meses de duro trabalho - começaram os Retiros. O primeiro curso foi um fracasso: poucas adesões. No começo de 1939 um curso para noivas teve notável sucesso. E assim aconteceu com outros cursos. Porém, quando a Obra parecia firmar-se sobre fundações sólidas, estourou a 2ª guerra mundial. Os Retiros foram quase todos cancelados e a casa acolheu um número cada vez maior de foragidos, entre os quais tinham também alguns judeus e antifascistas.

Entretanto Pe. Luiz não diminuía seu compromisso apostólico em Lecco. Em 1942 organizou uma missão popular

na sua paróquia, missão que coincidia com o aumento das preocupações para os jovens que morriam longe nos campos de batalha. Nesta situação ele ajudava, encorajava e participava das angústias de seu povo ao qual era muito ligado. As viagens de Lecco para Vedano eram cada vez menos freqüentes, porém sempre levava alguma coisa. Vedano era a cidade colocada sobre o monte, o pulmão espiritual de São João e a semente da Obra de Deus. Uma testemunha afirma que Pe. Luiz pensou também em formar um grupo masculino. Um de seus jovens de Saronno nos conta: “Um dia muito importante para mim, fui dizer ao Pe. Luiz que tinha decidido de me casar. Ficou um pouco em silêncio... depois me disse: ‘estou feliz, porém magoado. Tinha pensado também em você para formar um grupo de jovens leigos, dedicados ao apostolado, que continuando a praticar no mundo suas atividades profissionais, vivessem retirados e unidos numa comunidade religiosa. Faltando os jovens terei que pensar nas jovens”.

Sempre em 1942 foi feita outra tentativa: uniram-se às irmãs que viviam a vida comunitária, outras pessoas que seguiam o mesmo ideal sem, porém, deixar suas famílias. A idéia era ótima. Numa sociedade que na guerra revelava as brutais conseqüências de viver longe de Deus, o único sinal de esperança era constituído por uma disseminação de pequenos núcleos ou de pessoas disponíveis para viver o heroísmo da caridade na vida quotidiana. Mas o experimento por enquanto não teve sucesso.

ALÉM DOS VELHOS LIMITES

A paz tão almejada foi uma decepção para todos. Os homens voltavam, mas não tinham melhorado. Os temas de reflexão e de oração da Igreja eram os do “grande retorno e do grande perdão”, do “mundo melhor”, da “Nossa Senhora Peregrina”. As tensões sociais cresciam de intensidade. Não havia somente as casas para reconstruir, mas também o tecido social arruinado pelo ódio. A caridade, como a entendia Pe. Luiz, poderia amadurecer a sociedade desde que fosse traduzida em compromisso moral, social e político. O pároco de São João teve também grandes decepções. Certa vez, terminada a homilia antes de retomar a celebração da Missa, dirigiu-se aos fiéis com estas expressões amargas : *“Estou arrependido de ter me tornado Padre, estou arrependido de ter me tornado o pároco de São João”*. Logo, porém se recompôs. A amargura pessoal não podia cancelar o compromisso de contestação e de animação da sociedade que sabia ser a vontade de Deus, e assim terminou: *“Não! Se o Senhor me fizesse renascer de novo ainda seria um padre e ainda queria ser o pároco de São João”*.

Enquanto na paróquia trabalhava na atividade do grupo juvenil e na preparação do povo para um compromisso concreto na sociedade na pequena Obra de Vedano abriram-se horizontes inesperados. Depois de algumas tentativas (nas vilas de Cugliate e Campo das flores) onde as primeiras irmãs fizeram o noviciado de caridade, descobriu-se um novo campo de ação. Havia o gravíssimo problema das crianças com distúrbios psíquicos. Se para elas se falava em recuperação isso acontecia somente nos livros. A sociedade, hipnotizada pelos novos mitos e modas, pensava em outras coisas e para as crianças a condenação era sem apelação. Foi o diretor do Instituto neurológico de Milão, professor Giuseppe Vercelli, que deu a

sugestão para este trabalho pioneiro. O pequeno núcleo das irmãs não resistiu a esse chamado e com entusiasmo abordou literalmente este setor onde mais sensíveis eram as necessidades do homem. A caridade dos primeiros cristãos, mais uma vez, se transformava em profecia, anúncio de salvação para os últimos, compromisso nas realidades do mundo.

Pe. Luiz viu a Obra de Deus crescer de maneira inesperada. Uma vitalidade impetuosa provinha do fundo, quase tivesse escavado uma veia rica em águas subterrâneas. Ele tinha sido “alguém que sempre disse sim”; tinha-se deixado conduzir e agora via que mesmo a revelia aos homens e até da sua própria humildade, o sinal de Deus estava na sua Obra. Vieram outras casas (Ponte Lambro, Varazze) que depois foram seguidas por muitas outras em diversas regiões. Mas a história de Pe. Luiz é bem mais que este aumentar de casas, é a história do desenvolvimento da Obra de Deus. Mesmo faltando um quadro jurídico no qual inserir sua instituição, insistiu sobre alguns pontos chave: a Obra não devia ter um fim apostólico preciso e definitivo. O fim era a caridade que deveria ser vivida como nos primeiros cristãos, premissa e fermento duma nova sociedade. O quadro das ordens e congregações tradicionais não o convencia. Era necessário um instrumento mais flexível e moderno. Ao seu redor percebia hostilidade. Até os seus familiares o criticavam. A cúria de Milão parecia irritada das tentativas deste humilde padre. O cardeal Schuster, às primeiras irmãs que lhe haviam apresentado um esboço de regulamento, disse: “Até agora sois poucas numa única casa, mesmo assim apresentaram-me uma regra como se fossem cem! A regra segue o desenvolvimento da vida religiosa, não a precede. Sejais mais discretas”.

Quando parecia que estava tudo bloqueado, chegou inesperada a promulgação de um documento de Pio XII, a constituição apostólica “Provida Mater” (02/02/1947) que reconhecia os Institutos Seculares. Era uma data importantíssima porque abria uma nova fase na vida consagrada da Igreja, ou melhor, propunha de novo o ideal da igreja primitiva. Nos primeiros séculos os que se sentiam chamados ao dom do celibato não saíam, das cidades pagãs.

Seu viver no mundo, em Antioquia, em Roma ou em Alexandria do Egito, sem pertencer ao mundo, derivava da escolha celibatária que os fazia, na sociedade pagã, sinal visível de novos céus. O celibato, vivido assim no seu grau máximo de intensidade, libertava a alma e a preparava para ficar a serviço total dos irmãos.

Há tempo o Pe. Luiz tinha tido a intuição, porem ninguém o compreendia. Os padres balançavam a cabeça ou riam dele. Era um iludido, assim pensavam, ou um soberbo que queria dar-se ar de fundador.

Mesmo assim as vocações chegavam. Não obstante a hostilidade ou a divertida curiosidade dos moradores de Lecco e Vedano, a comunidade crescia.

O nome escolhido foi “As pequenas Apóstolas da caridade”.

Caídos os obstáculos jurídicos o Instituto foi aprovado inicialmente na diocese e em seguida em Roma. No mesmo tempo foi lançada novamente a idéia de admitir também irmãs que vivessem individualmente o ideal.

Os pontos chaves do instituto são dois. Para compreendê-los melhor pode-se usar a imagem gráfica de dois círculos concêntricos.



O círculo exterior é o espaço onde vive o Instituto: o mundo, o ambiente no qual a pessoa recita seu drama, onde sofre sua solidão. Este mundo é hostil, exclusivo, poluído pelo mal. Mesmo assim é esta a realidade na qual o cristão deve viver. Segundo Pe. Luiz a fuga do mundo não respondia mais às necessidades dos homens e aos chamados de Deus. Era preciso agir como o Bom Pastor. Antigamente esta imagem não lembrava tanto a parábola da ovelha perdida quanto o mistério da Encarnação: Cristo que carrega nos ombros a natureza humana, que justamente na Encarnação é radicalmente salva.

Nos anos trinta quando Pe. Luiz, no silêncio de sua oração, na paróquia de Saronno e depois na paróquia de Lecco, abria-se à voz do seu Senhor, a mentalidade corrente recusava completamente o “mundo” e se propunha um modelo totalmente alternativo que, se respondia a exigências momentâneas, arriscava de aumentar a distância entre a Igreja e o mundo. Pe. Luiz, como Roncalli, (futuro João 23^a), Montini, (futuro Paulo 6^o), Mazzolari, compreendia que a Igreja devia ser diálogo. Os cristãos dos novos tempos não deviam ser religiosos lançados ao

mundo, mas pessoas que deviam participar do destino do mundo com uma espiritualidade não tão somente endereçada para o melhoramento individual, como também para o campo social, comprometendo-se contra as injustiças, os atrasos, as explorações e as exclusões.

O círculo interior é a alma do Instituto: a caridade. Enquanto pensava-se numa sociedade autoritária, onde a pessoa fosse ajudada a viver de maneira cristã também pelas pressões exercidas de cima, Pe. Luiz preferia que a animação viesse de baixo. Escrevia de fato: *“Como não pode ser admissível um cristianismo sem amor assim não é admissível um cristão sem a expansão de sua caridade que deve abraçar o mundo todo. Portanto não digam – Eu quero me salvar – mas ao contrário digam – Eu quero salvar o mundo -. Este é o único horizonte digno de um cristão porque é o horizonte da caridade”*. Cada vez que a vida divide, que a sociedade sufoca com sua burocracia, é urgente semear nas articulações desta sociedade modelos de comunhão que gerem comunhão conforme o plano de Deus que salva unindo e une divinizando.

VERÁS, VERÁS!...

Quantos conheceram Pe. Luiz o descrevem como um homem miúdo, baixinho, de olhos e cabelos pretos, com semblante moderado, não afetado ou fingido, nem fraco, nem prepotente. Falava pouco e suas observações eram sempre tranquilas e precisas. Com os mais íntimos era de uma simplicidade encantadora. Quando percebia de ser entendido ficava mais argucioso. O humorismo era uma vibração da humildade, um olhar as coisas e as pessoas com desapego e compreensão, tudo sob a luz de Deus. Muitos perceberam que

nunca perdia tempo, talvez tivesse a impressão que o tempo de sua vida ia ser breve e por isso queria utilizá-lo, todo sem guardar para si nem um pouquinho. Mesmo assim quando encontrava alguém lhe dedicava uma atenção infinita. Tanto, que depois de sua morte os paroquianos diziam: “A ninguém ele amou tanto como a mim!”. E muitos eram os que estavam convencidos de ter sido pessoas especiais para ele.

Seguia as pequenas Apostolas, sobretudo espiritualmente. As escolhas temporais eram menos importantes. Interpretava seu papel de fundador sem defender a qualquer preço sua autoridade em tudo. Para os problemas materiais bastavam as pequenas Apostolas. Por este motivo permitiu que sua comunidade absorvesse aquela vivacidade de iniciativa, aquele sentimento de liberdade cristã, aquela autonomia característica de um Instituto secular.

Era consciente de ter desenvolvido o seu papel e de ter dado à sua comunidade as coordenadas de partida e aquelas de chegada: uma linha reta ascendente até Deus. O resto teria chegado depois.

Talvez há tempo tinha entendido que poderia ficar de lado, “*A Obra pode continuar sem mim*”. E para aqueles que pensavam com temor ao futuro, ele repetia:

- “*Deus a quis, Deus a manterá*”. Escrevia:

“*As minhas filhinhas não precisam mais de mim, podem caminhar sozinhas*”.

No dia 26 de Agosto de 1954 foi acometido por um enfarte. Começaram dias de preocupação. Uma manhã a responsável, Zaira Spreafico perguntou-lhe: “Pe. Luiz o que está dizendo para Deus?”.

-“*Que estou aqui feliz de fazer Sua vontade!*”.

-“Mas não está pedindo a Deus de sarar?”.

-“*Não, não se pode e não quero!*”.

-“Mas, Pe. Luiz, não se preocupa com sua Obra?”.

-“*O Senhor!*”. *Quem se ocupa é o Senhor*”

-“Pe. Luiz isto não é caridade, peça para restabelecer sua saúde, assim ficar ainda entre nós.”

-“Então farei isso como um ato de obediência, e assim falarei ao Senhor: “*A Responsável quer que eu Lhe peça por minha saúde.*”

Depois de alguns momentos de melhora, Pe. Luiz percebeu que estava chegando ao fim. Após um colapso deu-se conta da angústia pintada no rosto e nos olhos avermelhados dos presentes. Com um fio de voz murmurou para a responsável, a qual mais que todas, sentia o peso da responsabilidade: -“*Verás, Verás, Verás!*”

A notícia da piora de suas condições chamou para a casa paroquial muitas pessoas. As visitas o cansavam. O homem da palavra tinha sido obrigado a sacrificar sua palavra. De repente lembrou-se da empregada com gestos quis se assegurar sobre o futuro dela. Quando entendeu que teria sido garantido, teve uma expressão de grande alegria. Depois expressou o desejo de ver todos dentro do quarto. Parecia-lhe talvez de faltar com a caridade deixando seus filhos sem última benção do pai morrendo. Faleceu no dia 29 de setembro de 1954 com 56 anos, 3 meses e 7 dias. Da “*Nossa Família*” nos últimos tempos não falou mais. Não era uma Obra dele. Era “*A Obra de Deus*”.

Oração de intercessão a Padre Luiz Monza

Senhor Jesus,
nós te agradecemos porque,
por meio da vida e das obras do
Venerável Servo de Deus
Pe. Luiz Monza, quisestes confirmar
aos homens o grande amor e a ternura
com a qual circundas cada criatura.
Por intercessão deste teu Servo,
te pedimos de doar-nos aquelas graças
espirituais e materiais de que precisamos
para encontrar novamente a serenidade
do coração neste momento de dificuldade.
A sua mediação nos ajude acolher
com coragem e com profunda paz interior
o cumprir-se da Tua vontade sobre nós.
Amém.

Pai nosso...Ave Maria... Gloria...



No dia 20 de dezembro do 2003 Pe Luiz foi proclamado Venerável pelo Papa João Paulo II.